

Fernando Pessoa e António Aleixo

Segundo a noção vulgar, a poesia de Fernando Pessoa é grande literatura e a de António Aleixo é literatura pobre ou menor. Pessoa é um poeta nobre, culto; Aleixo é um poeta plebeu, popular.

Sabemos que não é bem assim, apesar de tudo o que os separa. E, sem dúvida, tudo, desde o berço, que Aleixo decerto não teve, estaria destinado a ditar-lhes destinos radicalmente diferentes. Pessoa, nascido na capital, tinha ascendência fidalga; Aleixo nasceu na província numa família pobre. Pessoa, escolarizado, falava várias línguas; Aleixo frequentou o ensino primário apenas dois anos, antes de sair para aprender o ofício do pai (tecelão), e, por isso, quase não sabia ler nem escrever.

Há coincidências entre Pessoa e Aleixo. A primeira afinidade é que são contemporâneos: Pessoa nasceu em 1888 e Aleixo em 1899. Onze anos mais velho, Fernando Pessoa morreu primeiro, em 1935 (com 47 anos); Aleixo, que também não viveu muito, faleceu em 1949 (com 50 anos). Os dois estiveram fora do país, embora por motivos diferentes e em momentos distintos da vida: Pessoa na África do Sul, em Durban, onde estudou de 1895 a 1905, e Aleixo em França, entre 1928 e 1930, como servente de pedreiro. Pessoa regressa a Portugal, com 17 anos, para frequentar o Curso Superior de Letras (matricula-se em 1906 e desiste em 1907); Aleixo, de volta ao seu país, fixa-se em Loulé e faz-se cauteleiro e vendedor de gravatas.

Fernando Pessoa e António Aleixo viveram uma vida simples e, em muitos aspectos, marcada pela infelicidade. Ambos perceberam desde muito cedo que a vida pode trazer sofrimento e instabilidade em qualquer altura: Pessoa assistiu à doença mental da avó materna e, quando tinha apenas cinco anos, foi confrontado com a morte do pai (e, mais tarde, com dezoito anos, com a morte de uma irmã); Aleixo é obrigado a abandonar a escola para ir trabalhar. Pessoa não viveu na abundância, mas, “correspondente estrangeiro em casas comerciais” da Baixa Lisboeta, não sentiu as dificuldades de quem tem de lutar todos os dias para poder alimentar a família. Aleixo, tecelão, soldado, polícia, pastor, etc., teve desde criança ofícios ou ocupações provisórias; cantando, tocando guitarra e improvisando nas feiras, e, sobretudo, vendendo o livro *Quando Começo a Cantar...*, pôde viver um pouco melhor.

Pessoa deixou uma obra mais vasta e mais diversificada, que é lida e estudada em Portugal e no estrangeiro. Mas nem por isso devemos menosprezar António Aleixo, que tem merecido cada vez mais atenção da crítica e dos leitores. São muitas as edições dos seus livros, e, embora em número muito reduzido, esclarecedores os estudos publicados sobre a sua poesia.

Podemos dizer que, em vida, António Aleixo teve mais sucesso editorial do que Pessoa, que até passou algumas dificuldades financeiras porque, para escrever, não podia trabalhar a tempo inteiro. Em 1918 e 1921, Pessoa publicou em Lisboa os

folhetos *35 Sonnets* (I, II e III); e, em 1934, cerca de um ano antes da sua morte, publicou a *Mensagem*. O primeiro livro de Aleixo, *Quando Começo a Cantar...*, foi um sucesso de vendas. O próprio poeta começou a vendê-lo no domingo de Páscoa de 1943; em dois meses foram vendidos os 1100 exemplares. Pessoa é hoje um poeta universal, mas não foi devidamente reconhecido no seu tempo; Aleixo, como improvisador e como poeta publicado, pôde sentir o aplauso de um público relativamente numeroso.

Pessoa leu as grandes obras da literatura clássica e da literatura inglesa (de Shakespeare aos escritores românticos); Aleixo viveu na cultura de tradição oral. Mas ambos se dedicaram inteiramente à literatura e ao pensamento. Celebraram o amor, a fraternidade, a igualdade; denunciaram o fanatismo, a intolerância e o fundamentalismo. Foram homens livres que quiseram contribuir para um mundo mais livre.

Pessoa elogiou diversas vezes a literatura oral e tradicional; em 1914, por exemplo, disse: “A quadra é o vaso de flores que o Povo põe à janela da sua Alma”. Aleixo viveu a cultura oral por dentro; produziu quadras e outras composições inteiramente como poeta popular. Pessoa escreveu “quadras ao gosto popular”, popularizantes, de inspiração popular.

Ambos relevaram muito cedo o seu talento poético. Pessoa, com sete anos, dedica uma quadra “À minha querida mãe”: “Eis-me aqui em Portugal/ Nas terras onde eu nasci./ Por muito que goste delas,/ Ainda gosto mais de ti”. Aleixo, com 10 anos, mostra já a sua vocação de improvisador a cantar as janeiras.

Há afinidades, na forma e no conteúdo, entre as quadras de Pessoa e as de Aleixo: paralelismos, comparações, evocações da natureza, fluência, musicalidade, melancolia, dor, elegia.

Mas há também diferenças. Pessoa canta sobretudo o amor nas suas múltiplas manifestações, às vezes dentro das características que conhecemos na sua poesia não popularizante: obsessão pela análise, sentimentalidade vaga, fragmentação, inteligência discursiva, uso do símbolo. Aleixo observa o mundo e fala sobre a vida e a morte, o bem e o mal, a riqueza e a pobreza, o deslumbramento perante as coisas simples: “A morte é aborrecida.../ Mas merece simpatia,/ Porque sem a morte, a vida,/ Nem sequer vida seria”. Aleixo também satiriza, ironiza, denuncia iniquidades, abusos, vaidades, ridículos: “Sei que pareço um ladrão,/ Mas há muitos que eu conheço,/ Que, não parecendo o que são,/ São aquilo que eu pareço”; “Sem que o discurso eu pedisse,/ Ele falou; e eu escutei./ Gostei do que ele não disse;/ Do que disse não gostei”. Às vezes, tom sentencioso e sátira conjugam-se: “Quem trabalha e mata a fome/ Não come o pão de ninguém;/ Quem não ganha o pão que come/ Come sempre o pão de alguém”.

Apesar destas especificidades, há, em Pessoa, quadras que poderiam ser de Aleixo: “O rosário da vontade/ Rezei-o trocado a esmo./ Se vens dizer-me a verdade,/ Vê lá bem se é isso mesmo”; “Compreender um ao outro/ É um jogo complicado/ Pois quem engana não sabe/ Se não estava enganado”.

E, em Aleixo, há quadras que poderiam ser de Pessoa: “Oh! Quem me dera, sozinho,/ E em quatro versos somente,/ Contar ao mundo inteirinho/ A mágoa de toda a gente”; “Nunca te digo o que sinto/ No meu grande amor por ti,/ Pra não dizeres que minto/ Ou então que endoideci”.

António Aleixo não escreveu um *Livro do Desassossego*, mas produziu uma obra desassossegada; e até podemos dizer que é autor de inúmeras quadras do desassossego. “Desassossego” é, aliás, uma palavra que não lhe é estranha; estranho é o sentimento de bem-estar, que, por ser raro numa vida de sacrifícios, o leva a desassossegar-se: “Traz-me num desassossego/ O alívio à minha cruz;/ Ando tal qual o morcego/ Ao deparar com a luz”.

Carlos Nogueira

(IELT, FCSH, Universidade Nova de Lisboa)